



## Sambando na cara da sociedade: um estudo sobre as atitudes linguísticas no contexto do samba chula de São Braz<sup>1</sup>

*Sambando na cara da sociedade: a study on linguistic attitudes in the context of samba  
chula de São Braz*

Daisy Cordeiro\*

*Universidade do Estado da Bahia*  
Salvador, Bahia, Brasil

Lúcia Maria de Jesus Parceros\*\*

*Universidade do Estado da Bahia*  
Salvador, Bahia, Brasil

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo observar e descrever as atitudes linguísticas das sambadeiras e dos sambadores do grupo Samba Chula de São Braz. O grupo foi criado oficialmente em 1995 no quilombo de São Braz, *locus* da pesquisa, comunidade que fica a cerca de 7 quilômetros do centro de Santo Amaro, na Bahia. A metodologia empregada é descritiva e segue os pressupostos da Sociolinguística Interacional. De acordo com os resultados obtidos, os sambadores e sambadeiras demonstram atitude positiva em relação à própria fala e à da comunidade e têm percepção das variedades linguísticas.

**Palavras-chave:** Atitudes linguísticas. Sociolinguística interacional. Identidade étnica. Samba Chula de São Braz.

**Abstract:** This paper aims to observe and describe the linguistic attitudes of samba players of the group Samba Chula de São Braz. The group was officially created in 1995 in the quilombo of São Braz, the research *locus*, a community about 7 kilometers from the center of Santo Amaro, Bahia. The methodology used is descriptive and follows the assumptions of Interactional Sociolinguistics. According to the results obtained, the samba players demonstrate a positive attitude towards the speech itself and that of the community and they have a perception of the linguistic varieties.

**Keywords:** Linguistic attitudes. Interactional sociolinguistics. Ethnic identity. Samba Chula of São Braz.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

\*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens - PPGEL - *Universidade do Estado da Bahia*, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: [daisycordeiro@yahoo.com.br](mailto:daisycordeiro@yahoo.com.br).

\*\*Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens - PPGEL - *Universidade do Estado da Bahia*, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: [mparceros@gmail.com](mailto:mparceros@gmail.com).

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem por objetivo observar e descrever as atitudes linguísticas dos sambadores e das sambadeiras do grupo Samba Chula de São Braz. Para sustentação teórica do trabalho e análise dos dados, foram utilizados conceitos da Sociolinguística Interacional, para compreendermos o uso da língua em interação social.

De acordo com Parcerro (2007, p. 168), “atitudes linguísticas consistem em ideias e julgamentos, a partir dos quais uma língua e seus falantes são avaliados”. O ato de falar representa muito mais que transmissão e recepção de códigos. Somos avaliados, admirados ou odiados dependendo da forma como uma língua ou uma variedade linguística é julgada. Esse julgamento está além das questões gramaticais: o fator social condiciona as atitudes linguísticas. Com isso, não apenas a língua ou a variedade é avaliada mas também o grupo social que a utiliza.

A língua diz muito sobre o povo que a usa. Está diretamente ligada à identidade dos seus falantes, aos seus modos, seus costumes, pois, como explica Rajagopalan (1998, p. 41), “a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua”. Por identidade, entendemos “[...] algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (HALL, 2005, p. 38). Desse modo, assim como a língua é variável, está em constante transformação, a identidade também está em processo. Além disso, conforme Labov (2008, p. 342), “em comunidades rurais (ou em bairros periféricos), a identidade local é uma categoria de pertencimento extremamente importante – muitas vezes, impossível de reivindicar e difícil de conquistar”, o que se encaixa no caso do quilombo de São Braz.

O Samba Chula de São Braz é um dos principais grupos de samba de roda do Recôncavo. Formado por 12 integrantes, foi fundado oficialmente em 1995, mas já cantava o samba chula há muitos anos na comunidade quilombola de São Braz, em Santo Amaro. É por meio da linguagem que os sambadores e sambadeiras se apresentam pelos palcos da Bahia e do mundo, divulgando sua música, sua gente, sua cultura. Estudar suas atitudes linguísticas possibilita verificar, além da consciência linguística, a afirmação da identidade étnico-racial de falantes do Recôncavo, ou seja, o uso da língua para marcar seu lugar de resistência na sociedade, visto que “a atitude linguística assumida pelo falante implica a noção de identidade, que se pode definir como a característica ou o conjunto de características que permitem diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro” (AGUILERA, 2008, p. 105-106). Ademais, esta pesquisa torna-se relevante pois visa a integrar-se aos estudos sociolinguísticos relacionados às atitudes linguísticas e às línguas africanas, que influenciaram a língua portuguesa do Brasil.

## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A língua é dinâmica e está em constante renovação de acordo com a necessidade dos seus usuários, que a utilizam para interação, para transmissão da cultura local, para afirmação da sua identidade e para marcar seus papéis sociais. A sociolinguística estuda

aspectos da relação língua e sociedade e toma como dados a língua em situações naturais de interação social. Assim, a sociolinguística estuda fenômenos linguísticos que têm relação com fatores sociais, como idade, gênero, nível de escolaridade, aspectos históricos e étnico-culturais, situação de interação e o contexto externo em que ocorrem os fatos linguísticos. O estudo da língua como fenômeno social desfaz, portanto, a crença da homogeneidade linguística. A perspectiva sociolinguística se opõe às posições teóricas que consideram que o objeto de estudo da linguística é a língua isolada de seu contexto social.

Os estudos sociolinguísticos são classificados em três ondas de análise. Essa categorização traz em cada onda uma abordagem diferente sobre a variação linguística com distintas metodologias e práticas analíticas. A primeira onda contempla os estudos iniciados por Labov (2008 [1972]), que envolvem a relação entre variáveis linguísticas e fatores sociais, como escolaridade, gênero, classe social etc. A metodologia empregada na primeira onda é quantitativa. A segunda onda é qualitativa e trabalha com uma perspectiva etnográfica. As pesquisas da segunda onda são realizadas em pequenas comunidades nas quais o pesquisador busca correlacionar a variação linguística a práticas sociais da comunidade. Na terceira onda há também o método quantitativo e ela tem como objetivo identificar as categorias sociais que atuam nos padrões linguísticos. A presente pesquisa está inserida nos estudos da segunda onda, por ser realizada em uma pequena comunidade e por ter cunho etnográfico (CORDEIRO; PARCERO, 2018).

Os estudos sociolinguísticos podem trabalhar com uma abordagem macro, com as comunidades de fala, e/ou micro, com as comunidades de práticas, sendo estas definidas como “[...] conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum. Modos de fazer coisas, modos de falar, crenças, valores, relações de poder – em resumo, práticas – emergem durante sua atividade conjunta em torno do empreendimento” (ECKERT; MCCONELL-GINET, 2010 [1992], p. 102). A pesquisa com comunidade de fala utiliza coleta padronizada (entrevista sociolinguística), enquanto com as comunidades de prática ocorre a coleta etnográfica, com a observação dos participantes (FREITAG, 2014). Ademais, as comunidades de prática constituem a identidade social, conforme explica Camacho (2013):

A identidade social é construída no próprio processo de articulação e de envolvimento dos indivíduos com as comunidades de prática de que participam e a identidade de cada comunidade depende do processo de engajamento e de envolvimento dos participantes. O grau de envolvimento depende do grau em que os indivíduos adquirem o repertório da comunidade de prática, assimilam o objetivo do empreendimento compartilhado e estabelecem padrões de relacionamento com os outros participantes envolvidos. (CAMACHO, 2013, p. 256)

Entre os campos de estudo da sociolinguística, temos a variacionista, a interacional, a sociologia da linguagem, a etnolinguística e a etnografia da comunicação. Neste artigo, os pressupostos teórico-metodológicos utilizados são na área da sociolinguística interacional.

A sociolinguística interacional dedica-se à descrição dos fenômenos de interação humana. Foi apresentada na década de 1970 pelo linguista Gumperz (2002). Estuda, em

um grupo social, as estratégias de que o falante lança mão, as pistas de contextualização e as inferências sobre os conteúdos compartilhados na interação verbal. Os sujeitos detêm papéis sociais e os processos interativos de que participam constituem a realidade social.

A ação mais estudada neste campo é a conversação e a sua contribuição à comunicação de significados sociais, ou seja, os usos da língua em uma situação de comunicação verbal e as intenções, crenças e atitudes sobre esses usos. Além das regras gramaticais, o indivíduo deve conhecer e seguir as regras culturais. Segundo Goffman (2002, p. 17), “as regras culturais estabelecem como os indivíduos devem se conduzir em virtude de estarem em um agrupamento, e essas regras de convivência, quando seguidas, organizam socialmente o comportamento daqueles presentes à situação”. Desse modo, estudam-se também as condutas que acompanham a fala e o conhecimento sociocultural que os sujeitos compartilham. O centro de interesse é o descobrimento das normas sociais, que são parte do ato de comunicação e que regem nossa percepção total do que é dito.

## 2.1 ATITUDES LINGUÍSTICAS

Esta pesquisa objetiva descrever as atitudes linguísticas dos membros de uma comunidade de prática. Segundo Labov (2008, p. 290), “se dado grupo de falantes usa uma variante particular, então os valores sociais atribuídos a esse grupo serão transferidos a essa variante linguística”. A atitude que um sujeito tem em relação ao seu grupo social e a outros (respeito, orgulho, indiferença, ódio etc.) ele terá em relação à língua ou variedade do seu grupo e à de uso de indivíduos pertencentes a outras comunidades. De acordo com Rodrigues (2012),

as atitudes linguísticas são atitudes psicossociais, ou seja, se as línguas têm conotações sociais, é natural que sejam avaliadas (admiradas ou desprezadas) a partir do status ou das características sociais dos seus usuários. Por isso, a atitude em relação a uma língua e a atitude em relação ao grupo social que dela se serve parecem confundir-se. Embora as línguas sejam entidades objetivamente comparáveis, o que frequentemente provoca as manifestações de apreço ou despreço são as opiniões sobre os grupos sociais ou etnolinguísticos. O habitual é que sejam os grupos sociais mais prestigiados, mais poderosos socioeconomicamente, os que ditam as normas das atitudes linguísticas das comunidades de fala. Por isso, as atitudes costumam ser positivas em relação à língua, aos usos e às características dos falantes com maior prestígio e de mais alta posição social. (RODRIGUES, 2012, p. 363-364)

É por meio das atitudes dos falantes que determinada língua ou variedade linguística pode ser estigmatizada ou prestigiada. Além disso, se a atitude linguística for extremamente negativa, pode acontecer a “morte” de uma língua, outrora usada por antepassados e negada pelas gerações mais novas (AGUILERA, 2008). Desse modo, “o estudo das atitudes é importante para a sociolinguística, uma vez que pode ‘prever’ um dado comportamento linguístico: a escolha de uma língua particular em comunidade multilíngue pode ser por lealdade, língua de prestígio, entre outras” (PARCERO, 2007, p. 39). Tem ainda a importância de prever se determinada variação tenderá a mudança, levando em conta seu *status* de prestígio, e, na escolha de aprendizado de uma língua

estrangeira, considerando que o domínio desse outro idioma poderá proporcionar ascensão social. Conforme Lambert e Lambert (1975),

a aprendizagem de uma língua estrangeira também parece depender das atitudes do aprendiz com relação ao povo que usa essa língua, bem como de seus motivos para aprendê-la. Com atitudes favoráveis com relação ao outro grupo e com um motivo “integrador” para aprender sua língua (isto é, desejar seriamente conhecer esse povo e sua cultura), há mais probabilidade de um aprendiz conseguir bons resultados, independentemente de seu talento para línguas, do que no caso de sua atitude ser de desconfiança ou inamistosidade, e se seus motivos forem “instrumentais” (por ex., precisar saber a língua para fazer negócios com outro grupo). (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p. 113)

Assim como crenças, costumes e valores de determinado grupo social diferenciam-no em relação a outros grupos, a língua pode distinguir um grupo dos demais, estando, então, atrelada à identidade. Da mesma forma que a língua está relacionada à identidade, as atitudes linguísticas também estão ligadas a questões identitárias, como explica Rodrigues (2012):

A atitude em relação a uma língua ou ao seu uso é mais facilmente identificável quando se tem em mente que as línguas não são apenas portadoras de formas e atributos linguísticos determinados, mas que também transmitem, por exemplo, conotações sociais, traços culturais, valores sentimentais e éticos. É possível afirmar que as atitudes linguísticas dizem respeito às próprias línguas e à identidade dos seus falantes. Consequentemente, é lógico pensar que, uma vez que exista um elo entre língua e identidade, a atitude linguística há de se manifestar no comportamento dos indivíduos em relação não apenas a essas línguas mas também em relação a seus usuários. (RODRIGUES, 2012, p. 363)

Pode acontecer de o falante ter uma atitude negativa sobre a sua variante linguística. Segundo Rodrigues (2012, p. 371), “a língua e o *status* social estão intimamente ligados no sentido de que o segundo influi diretamente sobre o primeiro. A autoavaliação do *status* linguístico será baixa, sobretudo se o grupo minoritário fala uma variante desprestigiada da língua em questão”. Além da segregação social, falantes de comunidades marginalizadas sentem-se inferiorizados devido aos seus usos linguísticos.

### **3 O SAMBA CHULA E O QUILOMBO DE SÃO BRAZ**

O samba de roda envolve ritmo, canto, dança com movimentos que vão dos pés até a cabeça das sambadeiras e sambadores, resultando em uma apresentação singular. No ano de 2004, o samba de roda foi registrado como Patrimônio Cultural Brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e, em 2005, como Patrimônio Histórico Cultural Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Segundo o IPHAN (2006),

o samba de roda é uma manifestação musical, coreográfica, poética e festiva, presente em todo o Estado da Bahia, mas muito particularmente na região do Recôncavo. Em sua definição mínima constitui-se da reunião, que pode ser fixada no calendário ou não, de grupo

de pessoas para performance de um repertório musical e coreográfico [...] (IPHAN, 2006, p. 23)

O evento samba de roda pode ocorrer desde em ambientes fechados como em praça pública. Festividades religiosas, como o dia dos santos Cosme e Damião, Santo Antônio ou dos santos padroeiros da cidade, *carurus*<sup>2</sup>, costumam ser finalizadas com muito samba. Pode ocorrer ainda de maneira espontânea, reunindo familiares e vizinhos em torno da roda.

O samba de roda tem como elementos básicos o posicionamento dos participantes em círculo (a roda) e o acompanhamento do canto por instrumentos como o pandeiro, a viola, o prato-e-faca<sup>3</sup>, o atabaque, o cavaquinho, o tamborim, o chocalho e o machete. Este último, de origem portuguesa, “[...] é um tipo de viola de dez cordas (dispostas geralmente em cinco duplas de cordas), tal como as violas conhecidas em todo o Brasil como ‘violas caipiras’. Possui tamanho menor, e timbre mais agudo e ‘brilhante’ do que o violão, para efeito de comparação” (NOBRE, 2012, p. 2). Além dos instrumentos, as palmas também acompanham o canto e garantem o ritmo e a animação do samba de roda. O samba de roda tem como modalidades o samba chula e o samba corrido, sendo este muitas vezes chamado simplesmente de samba de roda. O que diferencia uma modalidade da outra é que no samba chula a dança e o canto nunca acontecem ao mesmo tempo enquanto no samba corrido eles ocorrem simultaneamente. Além disso, no samba chula apenas uma pessoa de cada vez samba no meio da roda, e no samba corrido várias pessoas dançam ao mesmo tempo no meio da roda, além de ter um ritmo mais acelerado (IPHAN, 2006). O grupo Samba Chula de São Braz, apesar do nome, não toca apenas chula mas também o samba corrido. Contudo há outras denominações para o samba de roda, que podem representar apenas variações lexicais para uma mesma modalidade, dependendo da região ou época em que foi praticado, ou ainda definir estilos musicais diferentes, conforme observa Döring (2004):

No entanto existem [sic] sim, uma infinidade de variações destas duas vertentes do samba a depender do contexto local, da composição eventual ou planejada do conjunto de samba e do evento no qual o samba se insere, pois cantam-se muitos sambas dentro de uma outra manifestação que tem sua própria narrativa e momentos musicais variados entre si, como p. ex. o “Nego fugido” de Acupe de Santo Amaro, o “Lindramor” de São Francisco do Conde, o Terno de Reis em Salvador e no Recôncavo a até mesmo em festas de Candomblé de Caboclo. (DÖRING, 2004, p. 76)

Sobre o canto, ele pode ser responsorial: um dos sambadores canta sozinho uma estrofe e os demais participantes respondem coletivamente outra estrofe. Essa forma de canto também está presente em outras manifestações de origem africana, como nas cerimônias de candomblé, sendo um membro religioso responsável por cantar sozinho

<sup>2</sup> Encontros sociais onde são servidos pratos afro-brasileiros como o caruru, vatapá, farofa de dendê, xinxim de galinha, entre outros.

<sup>3</sup> Prato de esmalte friccionado na borda por uma faca emitindo um som rítmico, característico do samba de roda. Também pode ser utilizado um prato de louça.

enquanto o público responde em conjunto. Essa técnica ocorre apenas no samba corrido, também conhecido como samba solto. No samba chula, chamado também de samba de viola, samba amarrado, samba chulado ou samba santo-amarense, somente um ou dois cantadores (neste último caso formando a parelha) “gritam” a chula, isto é, cantam sem acompanhamento dos instrumentos uma quadra com dois a quatro versos, podendo ter outra dupla ou os demais presentes na roda que respondem com poucos versos, o chamado relativo.

O grupo Samba Chula de São Braz foi fundado oficialmente em 1995 pelos irmãos Antônio Saturno, Seu Alumínio, e João Saturno, o João do Boi, mas os dois irmãos já cantavam o samba chula há muitos anos no pequeno povoado de Santo Amaro. O único CD do grupo foi gravado em 2009 como conquista do prêmio Pixinguinha, com o título *Quando dou minha risada, ha, ha...* (SAMBA CHULA DE SÃO BRAZ, 2009). Segundo Silveira Neto (2017),

após a gravação deste disco, os chuleiros de São Braz cruzaram o Atlântico e realizaram shows em importantes eventos internacionais de música. Em 2010, participaram do WOMEX, a maior feira de World Music do mundo, em Copenhague. Um ano depois, aterrissaram em Israel para apresentação no Festival Internacional da Primavera Rishon Le Zion, e nos países Bélgica e Holanda para shows no Festival Europalia Brasil. Em 2012, o grupo realizou sua Turnê Europa na França, passando em cidades como Paris (Cité de la Musique), Marseille e Toulouse. Em 2014, ano do falecimento de Seu Alumínio, o grupo participa da 20ª edição do PercPan ao lado do cantor e compositor Márcio Vitor, vocalista do grupo Psirico, e foi destaque no Festival Qatar Brasil 2014, realizado no Parque Mia, na cidade de Doha. (SILVEIRA NETO, 2017, p. 59-60)

Como é possível notar, o que começou de forma amadora e despreziosa profissionalizou-se e ganhou o mundo. O grupo levou o seu nome, o samba chula e o nome da pequena comunidade rural para outros espaços. Mesmo tendo a oportunidade de viajar para outros lugares, os integrantes sempre voltam para sua terra e assim seguem até hoje, sem abandonar suas raízes.

Após a morte de Seu Alumínio e um grave mal-entendido intercultural no aeroporto de Doha, que acarretou em um desentendimento com o produtor Fernando de Santana (SILVEIRA NETO, 2017), João do Boi saiu do grupo e formou o Samba Chula João do Boi. Atualmente, o cantador do Samba Chula de São Braz é Agnaldo de Oliveira Nascimento.

O grupo é formado por doze integrantes e se reúne quinzenalmente, aos domingos, para ensaiar. O local é o restaurante de Fernando de Santana, o *Nando's Mariscos*, que fica lotado de apreciadores do samba chula e da deliciosa culinária santo-amarense. O fato de o grupo se reunir periodicamente, engajado a um mesmo propósito, constitui uma comunidade de prática. Além disso, por morar ou frequentar assiduamente uma pequena vila, as características socioculturais e sociolinguísticas do grupo social tornam-se semelhantes. Ademais, durante os ensaios, os sambadores e as sambadeiras formam um agrupamento, que, por estar organizado socialmente em orientação conjunta, compreende um encontro ou comprometimento de face (GOFFMAN, 2002).

A vila São Braz fica a cerca de 7 quilômetros do centro de Santo Amaro e é uma

das comunidades reconhecidas como remanescente de quilombo do Território de Identidade<sup>4</sup> Recôncavo. Após receber a certificação em 2009 pela Fundação Cultural Palmares (órgão governamental, vinculado ao Ministério da Cultura), o povoado passou a ter direito a incentivos, como apoio financeiro para a educação e manifestações culturais, pelo Governo Federal, como política de reparação. O quilombo é um espaço fluido, não fossilizado, e a identidade étnica do grupo social constitui fator determinante para sua definição, conforme a Associação Brasileira de Antropologia (1994). A propósito do termo ‘quilombo’, O’Dwyer (2002) afirma que,

contemporaneamente, portanto, o termo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma, nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas, sobretudo, consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio. (O’DWYER, 2002, p. 18)

Sobre a relação de pertencimento e identificação com o quilombo e a consciência de que ainda é preciso lutar, o depoimento da sambadeira Adilma de Oliveira Batista, ao ser perguntada sobre o que é ser quilombola, exemplifica o sentimento de muitos que nasceram e moram na comunidade:

Ser quilombola é ter orgulho do que eu sou. Eu sou negra, neta de escravos, nasci no quilombo, fui criada no quilombo e eu sou quilombola. Meu sangue é negro, eu sou negra, meu sangue é negro... de... pessoas que lutaram pra gente hoje se sentir um pouquinho livre, né? Porque ainda tem que lutar muito, mas eu tenho orgulho, tenho orgulho<sup>5</sup>.

Pouco se tem de informações oficiais acerca da história da vila São Braz. Segundo pesquisa realizada por Santos (2014), São Braz foi inicialmente um engenho, construído entre os séculos XVII e XVIII, que, após passar por vários proprietários e sucumbir ao declínio do mercado açucareiro na Bahia, foi abandonado e se tornou quilombo, servindo de moradia para os antigos escravos do engenho e seus descendentes. Há ainda na localidade ruínas da capela dedicada ao santo católico São Braz, onde, conforme registros, houve missas e batismos entre os séculos XIX e XX.

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

---

<sup>4</sup> Classificação proposta pelo Governo do Estado da Bahia que divide o Estado em 27 territórios com base no sentimento de pertencimento das comunidades. “O território é conceituado como um espaço físico, geograficamente definido, geralmente contínuo, caracterizado por critérios multidimensionais, tais como o ambiente, a economia, a sociedade, a cultura, a política e as instituições, e uma população com grupos sociais relativamente distintos, que se relacionam interna e externamente por meio de processos específicos, onde se pode distinguir um ou mais elementos que indicam identidade, coesão social, cultural e territorial” (SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DA BAHIA, 2018).

<sup>5</sup> Adilma de Oliveira Batista – entrevista em dezembro de 2018, São Braz.

Esta pesquisa busca observar e descrever as atitudes linguísticas de sambadores e sambadeiras do grupo Samba Chula de São Braz. Para isso, a metodologia empregada é descritiva e segue os pressupostos metodológicos da sociolinguística interacional (metodologia qualitativa e interpretativa). O critério para a escolha dos informantes da pesquisa foi o fato de serem membros do grupo Samba Chula de São Braz, participando dos ensaios quinzenais.

Os procedimentos e instrumentos de pesquisa foram os seguintes:

1. Observação dos ensaios do grupo Samba Chula de São Braz;
2. Aplicação de entrevistas semiestruturadas e temáticas (uso de *smartphone* e bloco de anotações) para coleta de dados;
3. Coleta de dados sobre o grupo;
4. Descrição do contexto da pesquisa, dos informantes e dos dados obtidos.

A aplicação das entrevistas foi iniciada após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade do Estado da Bahia (número do parecer: 2.323.838). As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas. Por se tratar de uma pesquisa de cunho etnográfico, as perguntas realizadas permitiam que os informantes respondessem sobre suas crenças, experiências e sua vivência no grupo.

Com base nas respostas obtidas, segue o perfil dos entrevistados no Quadro 1.

Quadro 1 - Distribuição dos informantes entrevistados

Informante	AON	RNS	ZMPS	MS	AOB	FABC
Idade	44	65	69	63	40	33
Escolaridade	Ensino Médio	Ensino Fundamental	Ensino Fundamental	Ensino Fundamental	Ensino Fundamental	Ensino Médio
Gênero	Masculino	Feminino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Naturalidade	Santo Amaro	São Braz	São Braz	São Braz	São Braz	Santo Amaro
Estada fora da comunidade	Mora em Santo Amaro	Morou 6 anos em Salvador	Nunca morou fora	Nunca morou fora	Nunca morou fora	Mora em Santo Amaro
Atividade no grupo	Cantador / Tocador <sup>6</sup> de pandeiro	Sambadeira / Canta relativo / Toca prato e faca	Sambadeira / Canta relativo / Toca prato e faca	Tocador de tumbadora <sup>7</sup>	Sambadeira / Canta relativo	Violeiro

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

<sup>6</sup> Como é chamado o instrumentista no samba de roda.

<sup>7</sup> Um dos instrumentos utilizados no samba de roda. De formato côncavo, um pouco semelhante a um barril, tem membrana de couro bovino e é tocado com as mãos.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS

Quando o sujeito está inserido em uma comunidade na qual a maioria compartilha a mesma escolaridade, classe socioeconômica e crenças, torna-se difícil identificar diferenças e realizar avaliações das variedades linguísticas do próprio grupo social, pois “os membros de comunidades tradicionais tendem a ter comportamentos mais homogêneos e há mais vigilância mútua. Podemos dizer então que, nessas comunidades, há maior pressão normativa favorecendo o consenso e atitudes mais homogêneas” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 123). Os informantes ZMPS, RNS MS e AOB confirmam essa afirmação, como podemos ver em (1), (2), (3), (4), respectivamente:

(1) **Doc.** Como a senhora caracteriza a fala do povo de São Braz? A senhora percebe alguma diferença?

**Inf.** Não [inint] eu não percebo puque eu tombém eu falo a merma coisa deles.

**Doc.** Entendi.

**Inf.** Eu acho que num tem é diferença nenhuma.

(2) **Doc.** Como a senhora caracteriza a fala do povo de São Braz? A senhora percebe alguma diferença?

**Inf.** Eu não acho diferença nenhuma.

**Doc.** Nenhuma, né?

**Inf.** Eu acho a... apesar de ser um interior as pessoas aqui têm um português...

**Doc.** É?

**Inf.** [inint] uma ô outra pessoa que dá uma pedradazinha assim, mas... (risos) é de leve (risos)

(3) **Doc.** Ahn: como o senhor caracteriza a fala de São Braz? Aqui... as pessoas daqui falam de forma diferente ou...

**Inf.** Não, fala igual.

**Doc.** Todo mundo?

**Inf.** Todo mundo (risos).

**Doc.** Não tem nada de especial?

**Inf.** Não tem não.

(4) **Doc.** Como você caracteriza a fala do povo de São Braz?

**Inf.** (risos) normal...

**Doc.** Acha que o pessoal daqui fala bem?

**Inf.** Pra mim é normal, é...

Mesmo como moradores de Santo Amaro, os entrevistados AON e FABC, (5) e (6), respectivamente, não identificam diferenças na fala dos habitantes de São Braz:

(5) **Doc.** E na fala?

**Inf.** Também não percebo, porque na realidade São Braz nada mais é de que um bairro de Santo Amaro, tão próximo, apesar de ser um distrito, mas é tão próximo.

**(6) Doc.** Como você caracteriza a fala de São Braz?

**Inf.** Não, a linguagem da gente é uma linguagem comum, é uma linguagem, vamos dizer... creio que banto natural mesmo, não tem uma linguagem específica para São Braz [...] existe assim, existe ainda um pessoal matuto que trabalha com *tu*, é... você ainda, você/você encontra ainda aqui em Santo Amaro, em São Braz.

**Doc.** Tanto aqui em Santo Amaro quanto em São Braz?

**Inf.** Quanto lá em São Braz...

**Doc.** Não tem diferença?

**Inf.** Isso.

Todos os informantes apresentam atitude positiva em relação à fala da comunidade e acreditam que não há diferenças entre a fala no povoado e em Santo Amaro. A informante RNS, de 65 anos, gênero feminino, Ensino Fundamental, afirma ainda que todos(as) “falam bem”, tendo assim uma atitude positiva quanto à fala do seu grupo social.

A informante ZMPS, de gênero feminino, acima de 65 anos, Ensino Fundamental, considera que sua fala é diferente da fala ensinada na escola e demonstra interesse em adquirir acesso à norma padrão:

**(7) Doc.** E sobre o seu modo de falar, o que a senhora acha?

**Inf.** Eu falo é assim me... [risos]

**Doc.** Acha que é bonito, gosta, queria falar de outra forma...?

**Inf.** É, puque é bom a gente aprendê mais, falá melhó, né?

**Doc.** E o que é falá melhor?

**Inf.** [inint] melhó puque tem coisa que a rente fala errado, né? Puque a gente... nós brasilêro, a gente fala muitas... muitas coisas errado. Não fala não? Fala, a gente sente [inint] vê.

A informante RNS considera de forma positiva sua fala, embora também deseje ter domínio do português padrão:

**(8) Doc.** E sobre o seu modo de falar, o que a senhora acha?

**Inf.** Ah, eu acho muito legal (risos).

**Doc.** Tem orgulho?

**Inf.** Eu procuro pesquisá, eu vejo as pessoa falá e eu vou [inint] tá entendeno?

O informante MS, de gênero masculino, 63 anos, Ensino Fundamental, afirma ter orgulho da própria fala:

**(9) Doc.** Entendi. E sobre o seu modo de falar, o que o senhor acha?

**Inf.** (risos) Acho bem, acho bom, né?

**Doc.** Acha bom? Tem orgulho?

**Inf.** Tem orgulho é, ixato.

Indagados sobre a sua fala, os informantes AON, AOB e FABC responderam, respectivamente:

**(10) Doc.** Claro. E sobre o seu modo de falar, o que você acha?

**Inf.** Rapaz... você agora me apertou, viu? Sei lá... talvez... porque eu tenho muito cuidado até na questão da fala, né? E procuro valorizar sempre minhas raízes, não fugir, até porque é... o carioca tem seus... seus sotaque.

**Doc.** Isso.

**Inf.** O paulista tem seus sotaques, mas eu prefiro... já rodei esse mundo todo aqui, de São Paulo, por diversas vezes, Rio também tal, mas eu prefiro sempre valorizar a minha linguagem, a minha fala. Eu acho que falo bem.

**(11) Doc.** E sobre o seu modo de falar, o que você acha?

**Inf.** Ah... Eu acho bom.

**Doc.** Acha bom?

**Inf.** Eu acho.

**Doc.** Mudaria alguma coisa [na sua fala], queria falar igual a alguém?

**Inf.** Não: aprenderia mais, né?

**Doc.** E esse aprender mais seria como? Na escola ou fora?

**Inf.** Também. Quando a gente lida com pessoas a gente aprende, né? Coisas boas [...] a gente aprende com a vida, com as pessoas que convive.

[...]

**Doc.** O que é para você saber língua portuguesa?

**Inf.** Tudo, né? Saber se expressar, falar melhor é muito bom.

**Doc.** Entendi. Acha que a pessoa pode conseguir um emprego melhor [...]?

**Inf.** Sim, sim, claro!

**(12) Doc.** [...] E sobre o seu modo de falar, o que o senhor acha?

**Inf.** O meu modo de falar?

**Doc.** Sim.

**Inf.** O meu modo de falar é o mais básico, cotidiano possível [...] meu modo de falar é o modo natural, é o modo baiano mesmo, é o jeito, vamos dizer assim, do Recôncavo de falar.

AON afirma que valoriza suas raízes, mas tem “muito cuidado” com a sua fala, o que pode ser entendido como monitoramento linguístico. O informante percebe que há variantes menos valorizadas que outras e por isso se preocupa em adequar seus usos linguísticos à norma culta, adquirindo assim maior prestígio social. Ademais, AON valoriza a fala do seu grupo social e, com isso, valoriza sua cultura, sua identidade. Do contrário, “ao rejeitar sua identidade linguística, mudando seu modo de falar para sugerir

origens sociais ou regionais que na verdade não possui, o falante está revelando uma deslealdade linguística” (BOTASSINI, 2015, p. 122). Desse modo, AON tem uma atitude positiva tanto em relação à sua variedade linguística quanto ao grupo social ao qual pertence. Segundo Bortoni-Ricardo (2004),

essas crenças sobre a superioridade de uma variedade ou falar sobre os demais é um dos mitos que se arraigaram na cultura brasileira. Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social. Ser nordestino, ser mineiro, ser carioca etc. é um motivo de orgulho para quem o é, e a forma de alimentar esse orgulho é usar o linguajar de sua região e praticar seus hábitos culturais. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 33)

AOB tem atitude positiva em relação à sua fala, mas gostaria de aprender mais, sendo esse aprendizado obtido tanto por meio da escolarização quanto por interação social. De fato, para poder ingressar em uma universidade, disputar um concurso público, concorrer a boas vagas de emprego etc., o domínio da norma culta é imprescindível, porém não determina crescimento sócio-econômico, conforme explica Bagno (2015):

Uma mulher negra, por exemplo, mesmo que se apodere completamente das formas prestigiadas de falar e de escrever, continuará tendo oportunidades infinitamente menores de ascensão social do que qualquer homem branco, mesmo que ele não domine tão bem assim a ‘língua certa’. (BAGNO, 2015, p. 108)

O informante FABC situa a sua fala ao modo de falar baiano, do Recôncavo, demonstrando que reconhece que há falares diferentes em regiões distintas, ou seja, FABC tem percepção da variação diatópica.

O Quadro 2, a seguir, resume as posições e crenças dos informantes.

Quadro 2 - Crenças e atitudes dos informantes

	FALA DA COMUNIDADE	PRÓPRIA FALA
AON	Não percebe diferença em relação a Santo Amaro	Acredita que fala bem e valoriza suas raízes
RNS	Acredita que todos falam bem e da mesma forma	Tem atitude positiva, mas busca aprender sempre mais
ZMPS	Acredita que todos falam bem e da mesma forma	Gostaria de falar melhor
MS	Acredita que todos falam bem e da mesma forma	Tem orgulho
AOB	Acredita que todos falam bem e da mesma forma	Tem atitude positiva, mas busca aprender sempre mais
FABC	Não percebe diferença em relação a Santo Amaro	Tem atitude positiva e descreve sua fala como tipicamente baiana

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Conforme podemos ver no Quadro 2, todos os informantes apresentam atitude positiva em relação à fala da comunidade e acreditam que não há diferenças entre a fala no povoado e em Santo Amaro. Em relação à própria fala, as três informantes do gênero feminino (ZMPS, RNS e AOB) demonstraram interesse em aprender mais, enquanto os três informantes do gênero masculino (AON, MS e FABC) estão satisfeitos com a própria fala.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, tivemos como objetivo observar e descrever as atitudes linguísticas dos sambadores e das sambadeiras de roda do grupo Samba Chula de São Braz. Todos os informantes demonstraram atitude positiva em relação à própria fala e à da comunidade e acreditam que não há diferenças entre a fala no povoado e em Santo Amaro.

Ao analisarmos as falas dos informantes, verificamos que estes têm percepção das variedades linguísticas, têm orgulho do seu modo de falar, mas gostariam de “aprendê” mais para “falá melhó”, ou seja, falar de acordo com a variedade de prestígio. É possível notar nas respostas dos sujeitos a valorização da educação formal como meio de aquisição de segurança linguística. Para atingir esse objetivo, acreditam que é preciso “pesquisá”, estudar mais. Ainda que sua identidade seja valorizada, há a crença de que existe uma forma de falar mais “bonita”, mais aceita socialmente, cuja obtenção é garantida mediante o ensino formal, na escola. Por isso, o ensino da norma culta deve ser democratizado, já que é objeto de desejo daqueles que não a aprenderam e instrumento de poder do restrito grupo que a domina.

Identificar no discurso das sambadeiras e sambadores de São Braz atitudes positivas sobre a própria variedade linguística comprova a afirmação da identidade étnico-racial, ou seja, como o uso da língua pode marcar seu lugar de resistência na sociedade. Os sambadores e sambadeiras do grupo têm percepção de que não usam o português padrão, mas isso não os inibe de difundir a cultura local e valorizar sua identidade. Desse modo, este trabalho é uma contribuição para aprimorar os estudos sobre as atitudes linguísticas e sobre a identidade social dos falantes.

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Linguísticos*, n. 37, v. 2, São Paulo, p. 105-112, maio/ago. 2008. Disponível em: <[http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL\\_V37N2\\_11.pdf](http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N2_11.pdf)>. Acesso em: 28 de fev. 2019.
- BAGNO, M. *Preconceito linguístico*. 56ª ed. São Paulo: Parábola, 2015.
- BAHIA. Secretaria de Planejamento. *Territórios de identidade*. Disponível em: <<http://www.seplan.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=17>>. Acesso em: 28 fev. 2019.

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. A importância dos estudos de crenças e atitudes para a sociolinguística. *Signum: Estudos da Linguagem*, n. 18 (1), Londrina, p. 102-131, jun. 2015. Disponível em: <[www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/download/20327/16552](http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/download/20327/16552)>. Acesso em: 7 fev. 2019.
- CAMACHO, Roberto Gomes. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo: Parábola, 2013.
- CORDEIRO, Daisy; PARCERO, Lúcia Maria de Jesus. “É bom a gente aprendê mais, fala melhó”: crenças e atitudes linguísticas dos sambadores e sambadeiras de roda do grupo Samba Chula de São Braz. *Tabuleiro de Letras*, v. 12, n. 3, Salvador, p. 145-160, dez. 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/5571/3508>>. Acesso em: 30 jan. 2019.
- DÖRING, Katharina. O samba da Bahia: Tradição pouca conhecida. *ICTUS*, v. 5, Salvador, p. 69-92, 2004. Disponível em: <<http://www.ictus.ufba.br/index.php/ictus/article/viewFile/52/95>>. Acesso em: 28 fev. 2019.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. Covariação de uma comunidade de práticas. In: LOPES, Norma da Silva; RAMOS, Jânia; OLIVEIRA, Josane Moreira de. (Orgs.). *Diferentes olhares sobre o português brasileiro*. Feira de Santana: Editora UEFS, 2014, p. 13-30.
- GOFFMAN, E. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 13-20.
- GUMPERZ, J. J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 149-182.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- IPHAN. *Samba de roda do Recôncavo Baiano*. Dossiê IPHAN 4: Ministério da Cultura, 2006.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. *Psicologia social*. Tradução de Dante Moreira Leite. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- NOBRE, Cássio. Samba de viola machete: considerações sobre tradição e transformação no Samba de Roda do Recôncavo Baiano. In: MOURA, Carlos Alves (Org.). *Diversidade cultural afro-brasileira: ensaios e reflexões*. Brasília: Fundação Palmares, 2012. Disponível em: <[https://www.academia.edu/29792407/Samba\\_de\\_viola\\_machete\\_Considera%C3%A7%C3%B5es\\_sobre\\_tradi%C3%A7%C3%A3o\\_e\\_transforma%C3%A7%C3%A3o\\_no\\_Samba\\_de\\_Roda\\_do\\_Rec%C3%B4ncavo\\_Baiano](https://www.academia.edu/29792407/Samba_de_viola_machete_Considera%C3%A7%C3%B5es_sobre_tradi%C3%A7%C3%A3o_e_transforma%C3%A7%C3%A3o_no_Samba_de_Roda_do_Rec%C3%B4ncavo_Baiano)>. Acesso em: 28 fev. 2019.
- O'DWYER, Eliane C. Introdução: os quilombos e a prática profissional dos antropólogos. In: O'DWYER, Eliane C. (Org.). *Quilombos: identidade étnica e*

- territorialidade. Rio de Janeiro: FGV/ABA, 2002, p. 13-42. Disponível em: <<http://www.abant.org.br/conteudo/livros/Quilombos.pdf>>. Acesso em: 6 fev. 2019.
- PARCERO, Lúcia Maria de Jesus. *Fazenda Maracujá: sua gente, sua língua, suas crenças*. 2007. 191f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2007.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? Tradução de Almiro Pisetta. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Língua(gem) e identidade: elemento para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 21-45.
- RODRIGUES, L. C. B. Atitude, imaginário, representação e identidade linguística: aspectos conceituais. XVI Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2012, Rio de Janeiro. *Cadernos do CNLF*, v. 16, Rio de Janeiro, p. 362-372, 2012.
- SAMBA CHULA DE SÃO BRAZ. *Quando dou minha risada, ha, ha...* Coordenação e direção artística: Katharina Döring. Direção musical: Cássio Nobre. Plataforma de Lançamento, 2009. 1 CD.
- SANTOS, Aline de Assis. *Ancestralidade e história no Recôncavo Baiano: construção do conhecimento ancestral no povoado de São Braz, em Santo Amaro*. 2014. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2014.
- SILVEIRA NETO, Achilles. *Políticas públicas para as culturas populares e processos de profissionalização*. 2017. 110f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

**Recebido em: 28/02/2019**

**Aprovado em: 07/06/2019**

**Publicado em: 28/09/2019**